

FACULDADE SANTA LUZIA
CURSO DE FARMÁCIA

JULIANA DE JESUS SILVA

O IMPACTO DAS MÍDIAS SOCIAIS NA AUTOMEDICAÇÃO DA POPULAÇÃO:
Uma revisão integrativa de literatura

SANTA INÊS

2026

JULIANA DE JESUS SILVA

O IMPACTO DAS MÍDIAS SOCIAIS NA AUTOMEDICAÇÃO DA POPULAÇÃO:
Uma revisão integrativa de literatura

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade Santa Luzia, como parte dos requisitos para a obtenção do título de graduado em Farmácia.

Orientadora: Professora Dr^a. Mariana Barreto Serra

SANTA INÊS

2026

JULIANA DE JESUS SILVA

O IMPACTO DAS MÍDIAS SOCIAIS NA AUTOMEDICAÇÃO DA POPULAÇÃO:
Uma revisão integrativa de literatura

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Faculdade Santa Luzia, como parte dos
requisitos para a obtenção do título de graduado
em Farmácia.

BANCA EXAMINADORA

Dr. Mariana B. Serra

Professora Dr^a. Mariana Barreto Serra

Esp. Wuenma T. Costa

Prof(a). Titulação Nome do Professor(a)

Esp. Aluísio P. Silva

Prof(a). Titulação Nome do Professor(a)

Santa Inês, 28/05 de 2026

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	5
2. MATERIAL E MÉTODOS.....	11
3. RESULTADOS E DISCUSSÃO	12
3.1 Riscos e consequências clínicas da automedicação	12
3.2 Influência direta das mídias sociais no comportamento da automedicação.....	14
3.3 Pressões estéticas e outros fatores motivadores da automedicação	14
3.4 O papel do farmacêutico na prevenção e promoção do uso racional de medicamentos	15
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	15
REFERÊNCIAS.....	17

O IMPACTO DAS MÍDIAS SOCIAIS NA AUTOMEDICAÇÃO DA POPULAÇÃO: Uma revisão integrativa de literatura

Juliana de Jesus Silva¹

Mariana Barreto Serra²

Resumo

A prática da automedicação pode ser entendida como o consumo de medicamentos sem prescrição ou orientação de um profissional habilitado, fenômeno que tem se intensificado nos últimos anos, especialmente com o avanço das mídias sociais. O objetivo geral deste estudo foi compreender a influência das mídias sociais na prática de automedicação com medicamentos emagrecedores pela população. A pesquisa foi desenvolvida por meio de uma revisão integrativa da literatura, com buscas realizadas entre fevereiro e maio de 2025 nas bases de dados SciELO, PubMed, Google Acadêmico e BVS, incluindo estudos publicados entre 2019 e 2025 em português, inglês e espanhol. Os resultados evidenciam que plataformas digitais como Instagram, TikTok e YouTube se consolidam como fontes de informação sobre medicamentos, disseminando conteúdo sem respaldo científico por meio de linguagem simplificada e influenciadores digitais que incentivam o uso irracional de fármacos emagrecedores. Dentre os principais riscos associados ao uso indiscriminado desses medicamentos, destacam-se problemas hepáticos, cardiovasculares, renais e gastrointestinais, além do risco de dependência. Além das mídias, fatores como a dificuldade de acesso ao SUS, a facilidade na aquisição de medicamentos sem prescrição e os padrões estéticos impostos pelas redes sociais potencializam esse comportamento. Diante desse cenário, a atuação do farmacêutico, respaldada pela Resolução nº 586/2013, é fundamental na orientação da população e na promoção do uso racional de medicamentos, reforçando a necessidade de políticas públicas que regulamentem a divulgação de fármacos nas mídias sociais.

Palavras-chave: Automedicação. Mídias sociais. Medicamentos emagrecedores. Uso racional de medicamentos. Farmacêutico.

Abstract

The practice of self-medication can be understood as the consumption of medications without a prescription or guidance from a qualified professional, a phenomenon that has intensified in recent years, especially with the advancement of social media. The overall objective of this study was to understand the influence of social media on the practice of self-medication with weight-loss drugs among the population. The research

¹ Graduando em Farmácia pela Faculdade Santa Luzia. E-mail: 2027@faculdadesantaluzia.edu.br

² Doutora em Ciências Médicas pela Faculdade de Medicina da USP e docente do curso de Farmácia da Faculdade Santa Luzia. E-mail: mariana@faculdadesantaluzia.edu.br

was developed through an integrative literature review, with searches conducted between February and May 2025 in the SciELO, PubMed, Google Scholar, and BVS databases, including studies published between 2019 and 2025 in Portuguese, English, and Spanish. The results show that digital platforms such as Instagram, TikTok, and YouTube are consolidating themselves as sources of information about medications, disseminating content without scientific backing through simplified language and digital influencers who encourage the irrational use of weight-loss drugs. Among the main risks associated with the indiscriminate use of these medications are hepatic, cardiovascular, renal, and gastrointestinal problems, as well as the risk of dependence. Beyond the media, factors such as difficulty accessing the Brazilian public health system (SUS), the ease of acquiring medications without a prescription, and the aesthetic standards imposed by social networks exacerbate this behavior. Given this scenario, the role of the pharmacist, supported by Resolution No. 586/2013, is fundamental in guiding the population and promoting the rational use of medications, reinforcing the need for public policies that regulate the dissemination of pharmaceutical information on social media.

Keywords: Self-medication. Social media. Weight-loss drugs. Rational use of medicines. Pharmacist.

1. INTRODUÇÃO

Os medicamentos representam um recurso indispensável para a promoção e recuperação da saúde, constituindo uma das principais ferramentas terapêuticas utilizadas pelos diversos profissionais da área da saúde. Sua utilização adequada contribui positivamente para a qualidade de vida da população. No entanto, conforme afirmam Ferreira e Carvalho (2021), o uso irracional de medicamentos pode desencadear consequências que impactam diretamente o sistema de saúde, gerando aumento de custos e riscos para a saúde coletiva. Nesse contexto, a prática da automedicação pode ser entendida como o consumo de medicamentos sem prescrição ou orientação de um profissional habilitado, fenômeno que tem se intensificado nos últimos anos (Xavier et al., 2021; Junior; Abreu, 2021). Dentre os fatores associados a esse crescimento, destaca-se a influência dos meios de comunicação e das mídias sociais, que desempenham um papel importante na propagação de informações sobre medicamentos, nem sempre baseadas em evidências científicas (Queiroz et al., 2022; Souza; Colli; Andrade, 2024).

Alguns estudos apontam que, mesmo que muitos indivíduos não considerem as propagandas de medicamentos seguras, cerca de 45,2% da população admite automedicação sob influência dos meios de comunicação (Matos et al., 2018). Sintomas considerados mais leves, como dor, também influenciam esse tipo de

comportamento, fazendo com que o indivíduo busque alívio imediato sem sentir a necessidade de buscar atendimento médico especializado (Barros et al., 2019). Ademais, é possível notar a dificuldade de acesso ao Sistema Único de Saúde (SUS), obstáculo geralmente relatado como motivador da automedicação, além da grande facilidade de adquirir medicamentos em farmácias e drogarias, reforçando o consumo indiscriminado desses produtos (Domingues et al., 2017; Ferreira et al., 2021).

O uso indiscriminado de medicamentos, especialmente sem a orientação de um profissional habilitado, pode resultar em uma série de consequências clínicas, sendo a intoxicação umas das mais preocupantes e comuns. Segundo Xavier et al. (2021), a intoxicação por medicamentos geralmente decorre de interações farmacológicas relacionadas tanto às características individuais quanto às propriedades farmacológicas e interações dos medicamentos. Esses riscos associados a essa prática, tornam a automedicação um problema de saúde pública, exigindo atenção e intervenção de profissionais, pesquisadores e gestores de saúde.

Nas últimas décadas, as mídias digitais assumiram papel central na formação de comportamentos relacionados ao consumo de medicamentos. Segundo Porto et al., (2020), mídias digitais como Instagram, YouTube e TikTok têm sido ambientes que facilitam a disseminação de práticas de automedicações, com influenciadores digitais relatando benefícios da utilização de determinados medicamentos, em especial os com finalidades estéticas, muitas vezes sem respaldo científico, normalizando o uso indiscriminado de fármacos e agravando os problemas de saúde decorrentes dessa prática.

Frente à ampla circulação de propagandas e recomendações de medicamentos nas redes sociais, geralmente sem prescrição ou orientação de um profissional habilitado, torna-se importante abordar criticamente essa temática. Como ressaltam Queiroz et al., (2022), realizar discussões sobre os riscos, malefícios e outras implicações do uso indiscriminado de medicamentos contribui para promover o entendimento da população e fortalecimento de estratégias de saúde pública voltadas para a promoção do uso racional de medicamentos.

O crescimento do uso de mídias sociais tem contribuído bastante para o processo de automedicação, especialmente com medicamentos emagrecedores. Entretanto, boa parte das informações é compartilhada sem respaldo científico e sem considerar a individualidade de cada caso, o que pode aumentar os riscos para a saúde. Diante disso, como as mídias sociais podem influenciar no processo de

automedicação através do uso de emagrecedores, e quais os riscos associados a essa prática?

De acordo com Xavier *et al.* (2021), a automedicação pode ser entendida como a prática em que indivíduos consomem medicamentos disponíveis e aprovados com o objetivo de tratar suas condições próprias, sem a necessidade de prescrição médica, considerando que os fármacos utilizados sejam seguros quando empregados conforme a orientação de profissionais habilitados. Ou ainda, segundo Junior e Abreu (2021), pode ser compreendida como a prática de utilizar medicamentos sem a devida orientação de um profissional da saúde, como um médico ou farmacêutico, podendo acarretar consequências prejudiciais ao organismo.

No contexto brasileiro, a prática da automedicação está associada à limitação de acesso aos serviços de saúde, às longas listas de espera e a baixa qualidade dos cuidados ofertados (Ruiz, 2022). Conforme aponta Cunha; Barbalho; Silva (2025), o aumento dessa prática se dá por diversos fatores, a citar temos a influência da globalização, que favorece o compartilhamento de informações nem sempre verdadeiras ou confiáveis, o que contribui para a desinformação em massa e incentivo do uso inadequado e irresponsável de medicamentos.

Segundo aponta Gonzalez *et al.* (2022), o Brasil apresenta um número além do recomendado de farmácias, refletindo na chamada “cultura do medicamento”. Esse cenário de práticas inadequadas reflete no aumento de casos de intoxicação, tornando os fármacos os principais agentes de intoxicação humana no país, à frente de saneantes, agrotóxicos e alimentos.

De Souza Martins (2025) ressalta que a automedicação provoca efeitos expressivos e multifacetados na economia, uma vez que o uso indiscriminado de medicamentos aumenta os custos com internações hospitalares em decorrência de reações adversas e quadros de intoxicações. Além disso, essa prática costuma gerar desperdícios financeiros para as famílias envolvidas e sobrecarga para o sistema de saúde, que acaba por desviar os seus recursos que poderiam ser aplicados em prevenção e tratamento de doenças.

Atualmente, as mídias desempenham um papel significativo na formação de comportamentos sociais, incluindo a prática de automedicação. Embora atue como uma fonte importante de informação, frequentemente divulga conteúdos de forma irresponsável, tornando necessário que os usuários filtrem e analisem de forma crítica as mensagens, uma vez que os medicamentos são propagados e apresentados pelos

seus benefícios, sendo negligenciados os seus riscos e efeitos adversos (Queiroz, 2022).

Segundo o relatório Digital 2025, “o número de usuários de redes sociais no mundo ultrapassou 5,24 bilhões, representando 65,7% da população global” (WE ARE SOCIAL; MELTWATER, 2025). O estudo ainda evidencia a evolução das mídias sociais e a expansão do comportamento online em mais de 250 países. No Brasil, durante o mesmo período, 183 milhões de pessoas acessaram a internet, correspondendo a 86,2% da população. O país contava com 144 milhões de usuários ativos de mídias sociais em janeiro de 2025, representando 67,8% da população.

Essas plataformas desempenham uma grande influência na maneira como os indivíduos formam suas decisões de compra, contribuem por construir identidades sociais e promovem redefinição das relações de consumo (Da Silva Manguiera e Soares, 2025).

De acordo com Souza; Colli e Andrade (2024), os usuários têm buscado as redes sociais como principal fonte de informação em decorrência da facilidade de compreensão difundida através de vídeos curtos, linguagem acessível e à impressão de que os produtores de conteúdos possuem algum tipo de conhecimento especializado sobre os assuntos compartilhados, o que torna as plataformas digitais atraentes para esse público em geral.

Segundo Vaz; Silva e Oliveira (2022), as mídias sociais têm contribuído para a construção de padrões de beleza e se distanciando da diversidade e singularidade de cada indivíduo. Historicamente, esses ideais estéticos evoluem e variam de acordo com a cultura e sociedade, sendo remodelados a partir do surgimento de novos produtos, procedimentos e tendências.

Influenciados pelos padrões estéticos impostos pelas mídias e pela sociedade, muitas pessoas acabam buscando soluções rápidas, como o uso de medicamentos para o emagrecimento, geralmente utilizados de forma inadequada e sem acompanhamento profissional (Freitas; Baiense e Andrade, 2024).

Em concordância com o que foi mencionado, perfis que prometem resultados rápidos e “milagrosos” tendem a ser os mais populares e possuem grande repercussão especialmente entre as mulheres. Esses perfis costumam promover dietas restritivas e insustentável, geralmente com a utilização de imagens de “antes” e “depois”, divulgando emagrecimentos em poucos dias com mensagens persuasivas que incentivam a adoção de produtos (Campos *et al.* 2025).

De acordo com Porto; Padilha e Santos (2021, apud ABESO, 2016; Organização Mundial da Saúde, 2019), a obesidade pode ser caracterizada como o acúmulo anormal ou em excesso de gordura que denotam prejuízo à saúde. Com seu título na Classificação Internacional de Doenças, no ano de 1948, é considerada uma doença por aumentar os riscos de morte precoce e por predispor o acometimento de outras enfermidades, sendo diagnosticada através do Índice de Massa Corporal (IMC), quando este ultrapassa o valor de 30kg/m².

Conforme retrata Valadares e Baiense (2023), a obesidade é uma condição crônica de origem multifatorial, envolvendo fatores genéticos, psicológicos, sociais, ambientais, endócrinos e outros. Apesar disso, não existe um consenso sobre qual o tratamento mais eficiente, visto que tratamentos ditos tradicionais, como cirurgias, tratamento clínico ou dietéticos, apresentam efeitos temporários, com retorno do peso em pouco tempo, além da escassez de estudos que comprovem intervenções eficientes.

Não obstante, a pressão para alcançar o padrão de beleza idealizado podem levar indivíduos a buscar soluções rápidas e arriscadas, como o uso de medicamentos sem considerar a existência de uma causa fisiológica. Nessa perspectiva, os emagrecedores passam a ser reconhecidos como um recurso estético, mesmo que apresentem riscos à saúde, podendo ocasionar dependência e efeitos adversos severos, quando utilizados de forma inadequada ou indiscriminada. (Freitas *et al.*, 2024).

Os emagrecedores são utilizados no processo de diminuição de peso, sendo organizados em três grupos de acordo com sua ação: os que reduzem a fome ou que conferem maior saciedade (sacietógenos), os que diminuem a absorção de nutrientes e a digestão e os que potencializam o gasto energético, dessa forma contribuindo para o processo de emagrecimento (Macedo *et al.*, 2022).

Gnoatto *et al.* (2021) destaca que o uso de drogas vegetais tem se tornado uma prática cada vez mais frequente, seja por recomendação profissional ou por iniciativa própria da população, especialmente para o processo de redução de peso. Entre as plantas mais utilizadas para essa finalidade estão "*Citrus aurantium L.*, *Cordia calyculata Vell.*, *Fucus vesiculosus L.*, *Garcinia cambogia L. N.*, *Hibiscus sabdariffa L.*, *Hieracium pilosella L.*, *Passiflora incarnata L.*, *Phaseolus vulgaris L.*"

De acordo com Da Silva *et al.* (2024), muitas pessoas que não se enquadram no perfil de pacientes com obesidade possuem acesso a medicamentos

emagrecedores e os utilizam de forma inadequada, sem prescrição e sem orientação profissional, o que pode ocasionar efeitos adversos, dependência e riscos aumentados para pessoas com histórico de doenças metabólicas ou cardiovasculares.

Conforme Santos (2021), ao iniciar o processo de emagrecimento frequentemente a população é levada pela busca de métodos rápidos e de fácil acesso, como o uso de chás ou misturas de ervas e raízes, medicamentos industrializados ou fitoterápicos. Contudo, mesmo esses produtos podem provocar reações adversas ou interações medicamentosas, exigindo cautela na sua utilização, especialmente se utilizados sem a orientação de profissional habilitado, pois o uso indiscriminado pode gerar desde sintomas leves até complicações graves à saúde.

Melo *et al.* (2021) enfatizam que o uso indiscriminado de medicamentos pode gerar sérios prejuízos ao organismo, especialmente relacionados ao fígado e aos rins, uma vez que muitos desses fármacos possuem potencial nefrotóxico. Assim, reforçam a importância do acompanhamento da função renal de pacientes e do conhecimento sobre as possíveis interferências causadas por esses medicamentos.

De acordo com Guedes e Andrade (2021), a sociedade atual é caracterizada pelo elevado consumo de medicamentos, neste cenário, há uma exigência de políticas nacionais que garantam o acesso a medicamentos essenciais, mas que também controlam a distribuição e estoques. Em contrapartida, esse mesmo acesso irrestrito é fortalecido pelas mídias e publicidades massivas, que de forma frequente, incentiva o uso desnecessário de medicamentos.

Nesse contexto, para enfrentar esse desafio, especialmente no caso dos medicamentos de venda livre (MIPs), o Conselho Federal de Farmácia instituiu a prescrição farmacêutica pela Resolução nº 586/2013. Essa resolução estabelecida pelo conselho de farmácia (cf), traz um marco regulatório em relação a prescrição farmacêutica. A partir disso, Guimaraes *et al.* (2021) revela que a automedicação pode ser transformada em uma indicação terapêutica formal. Dessa maneira, os farmacêuticos passaram a contar com uma ferramenta importante para a resolução do problema atual. (De Araujo, 2024).

Essa prática clínica vai ao encontro do conceito ampliado de dispensação, que transcende a mera entrega do produto. Trata-se de um serviço farmacêutico fundamental no qual o profissional, atuando na prevenção e na atenção integral à saúde, assume um papel central no cuidado ao paciente. (SILVA, 2021).

O avanço da internet e das mídias sociais tem influenciado significativamente os hábitos da população, especialmente na busca por métodos rápidos de emagrecimento. Esse cenário favorece a disseminação de conteúdos que incentivam a automedicação com emagrecedores sem orientação profissional e sem respaldo científico, expondo os indivíduos a riscos à saúde decorrentes do uso inadequado de medicamentos.

Diante disso, o estudo propõe uma revisão integrativa de literatura com o objetivo de compreender como as mídias sociais influenciam essa prática. De forma mais específica, busca identificar os mecanismos dessa influência, apresentar os riscos envolvidos, discutir os desafios para os profissionais de saúde e sugerir intervenções que promovam o uso racional de medicamentos e reduzam os danos associados ao consumo indiscriminado de emagrecedores.

2. MATERIAL E MÉTODOS

a) Tipo de pesquisa:

A pesquisa foi desenvolvida por meio de uma revisão integrativa da literatura, a qual permitiu reunir, analisar e sintetizar estudos científicos publicados sobre o impacto das mídias sociais no comportamento de automedicação com medicamentos emagrecedores.

A revisão seguiu etapas sistematizadas, incluindo a definição do tema, elaboração da pergunta norteadora, busca nas bases de dados, seleção dos estudos, extração das informações e síntese dos achados.

b) Local de estudo:

A pesquisa foi realizada entre fevereiro e maio de 2025, período destinado à busca, seleção e análise dos artigos científicos. Por se tratar de uma pesquisa bibliográfica, não houve necessidade de especificar local físico de execução, uma vez que todas as etapas foram desenvolvidas de forma remota, por meio de acesso às bases de dados científicas.

c) Amostra:

A seleção da amostra foi realizada nas bases de dados escolhidas. Primeiro, foram localizados todos os estudos relevantes utilizando os termos de busca. número estimado de estudos variou conforme o rendimento das buscas, com um total final entre 20 e 50 publicações (artigos, dissertações, teses), quantitativo considerado

suficiente para assegurar a representatividade da amostra e a profundidade necessária para a discussão.

e) Coleta de dados:

O processo de coleta de dados para esta revisão foi conduzido em duas etapas principais: a busca de forma sistemática dos artigos e a posterior extração e sistematização das informações relevantes.

Foram utilizadas as bases de dados SciELO, PubMed, Google Acadêmico e a BVS – Biblioteca Virtual em Saúde para o levantamento bibliográfico. Todos os artigos encontrados foram organizados em uma tabela contendo o título, autores, ano, objetivos, metodologia, principais resultados e conclusão. Posteriormente, realizou-se a leitura exploratória, seguida de leitura seletiva e análise crítica do conteúdo. A análise do material foi conduzida de maneira descritiva, comparativa e integrativa, buscando identificar convergências, divergências e lacunas entre os estudos.

Foram incluídos estudos publicados entre os anos de 2019 e 2025, que abordaram mídias sociais, automedicação ou uso de medicamentos emagrecedores, publicados em português, inglês ou espanhol. Também foram considerados artigos originais, revisões, estudos descritivos, analíticos ou qualitativos relacionados ao tema.

Não foram incluídos trabalhos que não possuíam relação direta com automedicação com medicamentos emagrecedores; editoriais, cartas ao editor, resumos simples, opiniões e dissertações/tese que não apresentavam dados completos e trabalhos indisponíveis nas bases de dados escolhidas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 Riscos e consequências clínicas da automedicação

Durante a análise dos estudos selecionados, foram identificados diversos riscos associados ao uso indiscriminado de medicamentos emagrecedores conforme apresentado no Quadro 1. Dentre os principais, destacaram-se: problemas hepáticos, cardiovasculares, renais e gastrointestinais, além do risco de dependência. Mesmo medicamentos fitoterápicos, muitas vezes considerados como alternativas seguras, podem causar efeitos adversos significativos (Santos, 2021). Melo *et al.* (2021)

apontam que muitos desses medicamentos possuem potencial nefrotóxico, podendo comprometer a função renal quando utilizados sem orientação profissional.

Quadro 1. Principais medicamentos emagrecedores utilizados na automedicação e suas reações adversas envolvidas.

Autor/ano	Medicamento/classe	Principais reações adversas associadas e considerações sobre elas
Santos (2021)	Fitoterápicos (Garcinia cambogia, Camellia sinensis e outros)	Embora percebidos como medicamentos seguros, podem ocasionar efeitos gastrointestinais, hepatotoxicidade e interações com outros medicamentos.
Melo <i>et al.</i> (2021)	Diuréticos e laxantes	Comumente utilizados visando uma perda rápida de peso, suas reações adversas estão relacionadas a desidratação, desequilíbrio eletrolítico e nefrotoxicidade.
Queiroz <i>et al.</i> (2022)	Anorexígenos	Por sua divulgação nas mídias focarem em seus benefícios omitindo os riscos, possuem alta demanda embora sua dispensação exija retenção de receituário. Como efeitos adversos podemos observar: aumento da pressão arterial, risco de dependência, taquicardia ou outros efeitos cardiovasculares.
Mangueira e Soares (2025)	Medicamentos em geral promovidos pelas mídias/influenciadores	Riscos e efeitos adversos variados, podendo causar dependência.
Campos <i>et al.</i> (202)	Fármacos emagrecedores em geral	Riscos cardiovasculares, gastrointestinais e psicológicos.

Gonzalez <i>et al.</i> (2022)	Classes variadas	Cultura da automedicação reforçada pelas mídias, com percepção equivocada de segurança contribuem para a ocorrência de eventos adversos
-------------------------------------	------------------	---

Fonte: Autoria própria, 2026.

3.2 Influência direta das mídias sociais no comportamento da automedicação

Com base na literatura selecionada, foi possível identificar padrões relevantes acerca da influência das mídias sociais no comportamento de automedicação com medicamentos emagrecedores.

Após análise dos estudos selecionados, identificaram-se os seguintes achados acerca da influência das mídias sociais. Os trabalhos demonstram que as mídias sociais influenciam significativamente o comportamento de automedicação da população, especialmente na utilização de medicamentos emagrecedores. Plataformas digitais como Instagram, TikTok e YouTube se consolidam como fontes importantes na veiculação de informações, principalmente pela facilidade de acesso, recursos audiovisuais para a indução de compra e linguagem simplificada que muitas vezes disseminam conteúdo sem respaldo científico (Souza; Colli e Andrade, 2024).

Queiroz *et al.* (2022) destacam que as mídias priorizam o foco nos benefícios e resultados rápidos, negligenciando os riscos e eventos adversos associados à prática de automedicação. Segundo Manguiera e Soares (2025), influenciadores digitais potencializam esse processo, sendo muitas vezes vistos como referências confiáveis que incentivam o uso irracional de medicamentos.

3.3 Pressões estéticas e outros fatores motivadores da automedicação

Em se tratando de mídias sociais, é possível observar padrões estéticos que promovem a valorização de corpos magros e idealizados, contribuindo para a insatisfação corporal, especialmente entre o público feminino. Campos *et al.* (2025) ressaltam que conteúdos focados em emagrecimento rápido através do uso de

medicamentos possuem grande engajamento e visibilidade, tornando o uso de emagrecedores sem acompanhamento responsável uma prática comum.

Além da influência das mídias, fatores como a dificuldade de acesso ao sistema de saúde, a facilidade no acesso a medicamentos emagrecedores sem prescrição e a busca por soluções rápidas também contribuem para a disseminação dessa prática. Corroborando com Domingues et al. (2017) e Ruiz (2022), observa-se que limitações no acesso ao SUS e longas filas de atendimento, combinadas com informações disponíveis nas redes sociais, potencializam esse comportamento.

Adicionalmente, a cultura do consumo de medicamentos no Brasil, mencionada por Gonzalez *et al.* (2022), também contribui para esse cenário. A ampla disponibilidade de fármacos e a percepção de que seu uso é seguro reforçam práticas inadequadas.

3.4 O papel do farmacêutico na prevenção e promoção do uso racional de medicamentos

Diante dos riscos identificados nos estudos analisados, a atuação do farmacêutico torna-se ainda mais relevante. A disseminação de informações sem fundamentos científicos apresenta um desafio para a implementação do uso racional de medicamentos, exigindo estratégias concretas e eficazes de educação e orientação em saúde.

Guedes e Andrade (2021) enfatizam a importância de políticas públicas que regulamentem a divulgação de medicamentos em mídias sociais. A atuação do farmacêutico, especialmente através da prescrição farmacêutica regulamentada pela Resolução Nº 586/2013 (Guimaraes *et al.*, 2021), é fundamental na orientação da população.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente revisão evidenciou que as mídias sociais influenciam de forma significativa a prática de automedicação com medicamentos emagrecedores. Plataformas como Instagram, TikTok e YouTube disseminam conteúdos sem respaldo científico. Influenciadores digitais, muitas vezes percebidos como referências

confiáveis, potencializam esse processo ao incentivarem o uso irracional de fármacos por meio de linguagem acessível e conteúdos esteticamente atrativos.

São muitos os riscos associados ao uso indiscriminado de emagrecedores, incluindo danos hepáticos, cardiovasculares, renais e gastrointestinais, além do risco de dependência. Mesmo fitoterápicos, vistos como alternativas seguras, podem causar reações adversas e interações medicamentosas quando usados sem orientação profissional.

Fatores como a dificuldade de acesso ao SUS, a facilidade de compra de emagrecedores sem prescrição e os padrões estéticos impostos pelas mídias, que promovem a valorização de corpos magros e idealizados impulsionam ainda mais essa prática, especialmente entre o público feminino.

Diante disso, a atuação do farmacêutico é essencial na orientação da população e na promoção do uso racional de medicamentos. Políticas públicas que regulamentem a divulgação de fármacos nas mídias sociais e ações de educação em saúde são igualmente necessárias para reduzir os riscos associados ao consumo indiscriminado de emagrecedores.

REFERÊNCIAS

- CAMPOS, Israel Marques *et al.* Terrorismo nutricional nas mídias sociais e sua relação com transtornos alimentares em mulheres: uma revisão narrativa. **BIUS – Boletim Informativo Unimotrisaúde em Sociogerontologia**, v. 52, n. 46, p. 1–20, 2025.
- DA CUNHA, T. C. *et al.* Uso indiscriminado da automedicação no período pós-pandêmico. **Revista Contemporânea**, v. 5, n. 1, e7201, 2025.
- DE MELLO, Palloma Aline; SANTOS, Amanda Ferreira Freitas. Risco relacionado ao uso de medicamentos utilizados no tratamento da obesidade. 2021.
- CALADO, Guilherme de Araújo; DA SILVA, Marília Vital; LIMA, Cristiane Gomes. Riscos da automedicação e a importância da venda controlada de medicamentos. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 10, n. 6, p. 1117-1129, 2024.
- DE SOUZA, Rayane Vitoria Marcos Brum; COLLI, Luciana Ferreira Mattos; DE ANDRADE, Leonardo Guimarães. A influência e os riscos das mídias sociais no uso de medicamentos para emagrecer. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 10, n. 11, p. 810-822, 2024.
- DE FREITAS, Evelyn Ximenes Carvalho; BAIENSE, Alex Sandro Rodrigues; DE ANDRADE, Leonardo Guimarães. A influência da mídia social nos medicamentos para emagrecimento. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 10, n. 6, p. 986-1001, 2024.
- FERREIRA, Isabella Silva; DE CARVALHO, Ciro José Sousa. A influência da propaganda de medicamentos na prática da automedicação: um problema de saúde pública. **Brazilian Journal of Development**, v. 7, n. 5, p. 47642-47652, 2021.
- FERREIRA, Francisca das Chagas G. *et al.* O impacto da prática da automedicação no Brasil: Revisão Sistemática. **Brazilian Applied Science Review**, v. 5, n. 3, p. 1505-1518, 2021.
- GNOATTO, A. R. *et al.* Identificação de anorexígeno não declarado em produto comercializado como fitoterápico. **Brazilian Journal of Health Review**, Curitiba, v.4, n.2, p. 5385-5394, 2021.

GONZALEZ, Maria Helena da Silva Silveira *et al.* O impacto da automedicação na vida dos brasileiros. 2022.

GUEDES, Anne Caroline Santiago; DE ANDRADE, Leonardo Guimarães. A atuação do farmacêutico no combate a automedicação. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 7, n. 10, p. 1504-1514, 2021.

GUIMARÃES, P. H. D.; PACHECO, R. P.; MORAIS, Y. J. Cuidados farmacêuticos e uso de medicamentos isentos de prescrição (MIPs). **Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento**, v. 10, n. 12, p. e485101220405, 2021.

JUNIOR, Eduardo Martins Cordeiro; ABREU, Thiago. Atuação do profissional farmacêutico na automedicação. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 7, n. 9, p. 216-229, 2021.

JUNIOR, Vanilson Silva Costa; DE OLIVEIRA, Ana Livia Rodrigues; AMORIM, Aline Teixeira. Automedicação influenciada pela mídia no Brasil. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 8, 2022.

MACEDO, Ana Aparecida de Oliveira *et al.* Efeitos colaterais e perigos associados aos fármacos utilizados no processo de emagrecimento: uma revisão. 2022.

MANGUEIRA, Fernanda da Silva; SOARES, Terciana Cavalcanti. O impacto das mídias sociais no comportamento do consumidor: responsabilidade civil dos influenciadores digitais em face do ordenamento jurídico brasileiro. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 11, n. 3, p. 2175–2186, 2025.

MARTINS, Layanne de Souza *et al.* Os riscos da automedicação com medicamentos isentos de prescrição: um problema de saúde pública. **Revista foco**, v. 18, n. 6, p. e8587-e8587, 2025.

MELLO *et al.* Nefrotoxicidade e alterações de exames laboratoriais por fármacos: revisão da literatura. **Revista de Medicina**, v. 100, n. 2, p. 152-161, 2021

PORTO, Grazielle Belchior de Carvalho; PADILHA, Heloísa Sarto Camões Vieito; SANTOS, Gérsika Bitencourt. Riscos causados pelo uso indiscriminado de medicamentos para emagrecer. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 10, p. e535101019147, 2021.

QUEIROZ, Solange Lopes *et al.* A influência da mídia sobre a automedicação e o papel do farmacêutico para promover o uso racional de medicamento. **Saúde & ciência em ação**, v. 8, n. 1, p. 130-145, 2022.

RUIZ, Ana Carolina. A automedicação no brasil e a atenção farmacêutica no uso racional de medicamentos. **Revista saúde multidisciplinar**, v. 11, n. 1, 2022.

SILVA, Natália Cristina Sousa *et al.* Análise da utilização de medicamentos emagrecedores dispensados em farmácias de manipulação de Ipatinga-MG. *Única Cadernos Acadêmicos*, v. 3, n. 1, 2017.

SILVA, L. P. A. Riscos da automedicação: uma breve revisão bibliográfica / Risks of self-medication: a brief literature review. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v. 7, n. 12, p. 112552–112560, 29 dez. 2021.

SOUZA, A. P. C. R. Anorexígenos: controle rígido ou proibição de seu uso. TCC (Graduação em Farmácia) –Faculdade de Farmácia, Universidade de Uberaba, Uberaba, p. 21, 2019.

VALLADARES, Emilly Juliane da Silva; BAIENSE, Alex Sandro Rodrigues. Uso indiscriminado de medicamentos para emagrecimento. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 9, n. 4, p. 1907-1921, 2023.

VAL, Maria Gabriela Pimenta do *et al.* Mídias sociais digitais e posicionamento de autoridade em comunicação. 2025.

VAZ, Leticia Rodrigues; DA SILVA, Keilane Pereira Cardoso; OLIVEIRA, Daniella Ponciano. A representação da beleza feminina nas mídias sociais: padrões estéticos e impactos na autoestima. **Amazônia: science & health**, v. 10, n. 4, p. 67-79, 2022.

XAVIER, Mateus Silva *et al.* Automedicação e o risco à saúde: uma revisão de literatura. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 4, n. 1, p. 225-240, 2021.